

Género e Cidadania nas Imagens de História. Estudos de Manuais Escolares e Software Educativo.

Nunes, M. T. A. (2007). *Género e Cidadania nas Imagens de História. Estudos de Manuais Escolares e Software Educativo*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (Cadernos Condição Feminina, nº 64), 229 páginas.

Esta obra, de Teresa Alvarez, mostra claramente como podem ainda hoje os materiais pedagógicos contribuir para o reforço dos estereótipos de género na escola, na medida em que veiculam representações diferentes de cidadania para rapazes e raparigas. Partindo de uma cuidada pesquisa elaborada no decurso de uma tese de Mestrado em Comunicação Educacional Multimédia, no âmbito da qual foram analisados três Manuais Escolares do 12º ano e um produto multimédia educativo, todos no domínio da História, a autora fez incidir a sua análise sobre um total de 976 imagens figurativas, distribuídas pelos quatro produtos seleccionados. Da comparação entre a presença da figura masculina e da figura feminina nas imagens que ilustram os referidos materiais pedagógicos, foi possível constatar a reduzida representação das mulheres, tanto a nível individual como colectivo, e a fraca relevância dada a temas da História onde a presença destas não poderia ser omitida. De entre os temas mais tratados, ressaltam sobretudo o político-militar e o financeiro, nos quais o homem, enquanto individualidade histórica, é associado à tomada de decisão, ao saber, à razão, à instrumentalidade e à agencidade. A mulher, por seu turno, relegada sobretudo para os domínios da arte e da cultura, tende a ser representada como a parte do colectivo sobre quem recai a decisão e o poder de intervenção da outra parte, o que sugere implicitamente a sua falta de autonomia, enquanto indivíduo, e a sua dependência histórica de uma maneira androcêntrica de pensar e de agir. Ora, num inevitável processo de identificação com as personagens masculinas e femininas patentes nos seus materiais educativos, os rapazes e as raparigas apreendem silenciosamente modelos diferenciados e estereotipados de protagonismo individual e social, em nada salutares para o exercício de uma verdadeira cidadania. Como nos diz a própria autora, “a memória histórica veiculada pelos manuais escolares e pelo software educativo através da imagem de mulheres e de homens confere, pois, visibilidade a determinados tipos de poder, contendo e conduzindo a diferentes representações de cidadania para raparigas e para rapazes que vão ao encontro das representações sociais de género que fazem parte do

senso comum, podendo reforçar alguns dos mitos em torno da feminilidade e da masculinidade” (p. 206). A leitura desta obra é, por isso, vivamente recomendada para todos/as aqueles/as que se preocupam sobre que tipo de cidadania promove a escola nos rapazes e nas raparigas, constituindo ainda um recurso extremamente valioso para a formação inicial e contínua de professores/as dos diferentes níveis de ensino.

Cristina Maria Coimbra Vieira